

EDITORIAL

Este número apresenta um dossiê sobre o complexo mundo do trabalho, especialmente do trabalho infantil. Reúne artigos de Portugal, do Peru e do Brasil apresentando algumas das atividades econômicas desenvolvidas por crianças, entre centenas delas. As dimensões do trabalho infantil abordadas, os referenciais teóricos utilizados para análise, embora sejam coincidentes em alguns pontos, apresentam também algumas contraposições que são enriquecedoras para iluminar a continuidade das pesquisas e ressaltar aspectos menos reconhecidos neste debate de renovada atualidade.

Ana Melro vai tratar do papel das crianças que trabalham nas atividades artísticas, em Portugal, considerando-as como parte da indústria do espetáculo e do entretenimento, a partir do paradigma crítico da Sociologia da Infância, trazendo algumas discussões sobre o conceito de trabalho artístico, que é demasiado amplo, até mesmo para exprimir a essência das realidades que o sustentam. Túlio Campos e Walter Ernesto Ude Marques vão trazer a exploração do Trabalho Infantil nos sinais de Trânsito da cidade de Belo Horizonte. Soraya Conde apresenta dados de entrevistas feitas a 106 responsáveis imediatos pelas crianças, entre cinco e 15 anos, atendidas na emergência do Hospital Infantil Joana de Gusmão partindo-se da análise de acidentes infantis no trabalho. Da análise desses dados a autora conclui que a exploração da criança ocorre em formas invisíveis, integrando o trabalho social abstrato, diferentemente do que ocorria nos primórdios da Revolução Industrial.

O texto Reflexões teórico-metodológicas sobre os dados da exploração do trabalho infantil: Ou como transformar crianças e jovens em números, de Maurício Silva, problematiza e realiza uma análise crítica das estatísticas dos órgãos oficiais sobre a exploração do trabalho de crianças e jovens, apontando o desafio e a necessidade, de superar o “falso dualismo” entre quantidade e qualidade e o uso político que se faz dessas estatísticas.

O texto de Maria dos Anjos Viella e Célia Vendramini situa duas perspectivas contraditórias em relação à erradicação do trabalho infantil: a perspectiva da OIT (Organização Internacional do Trabalho) defendendo

a sua erradicação e outra contrária a ela, defendendo a valorização crítica do trabalho realizado pelas crianças, perspectiva essa que insiste no protagonismo infantil. Nessa direção busca realizar uma síntese crítica dessas perspectivas de análise sobre o fenômeno do trabalho infantil.

Ainda para compor este número foram solicitados textos de vários pesquisadores- colaboradores do IFEJANT (Instituto de Formación para Educadores de Jóvenes, Adolescentes y Niños Trabajadores) da América Latina e Caribe. Esta instituição compõe-se de uma rede de organizações que divulgam pesquisas sobre o movimentos de crianças e adolescentes trabalhadores de diversos quadrantes do mundo como Alemanha, Bélgica, Itália, Índia, Nepal e outros. Para este número foi selecionado o artigo *¿Una extraña dictadura amenaza a nivel global a los niños, niñas y adolescentes trabajadores*, do professor Enrique M. Jaramillo García da Pontificia Universidad Católica del Perú (PUCP). Os demais farão parte de um livro que será organizado sobre o trabalho infantil. O texto em pauta tece críticas à OIT, UNICEF e Banco Mundial denominando de “extraña dictadura” às falsas promessas e ilusiones vendidas por essas organizações afirmando que até o ano de 2016 se erradicará o trabalho infantil.

Essas análises têm muito a contribuir para a continuidade das reflexões sobre a erradicação do trabalho infantil e as polêmicas que esse discurso tem alimentado. Afinal, até onde alcançam os dados estatísticos que celebram a redução das taxas de exploração do trabalho de crianças e jovens?

Cresce em escala global a precarização do trabalho. Assiste-se à expansão de atividades econômicas desenvolvidas por crianças, milhares delas na invisibilidade, nos diversos quadrantes do mundo: nos países latino-americanos, asiáticos, africanos, bem como nos países centrais, como EUA, Inglaterra, Itália, Japão, sem falar na China, Índia etc. Essa nova “morfologia do trabalho”, é gestada no processo de reestruturação produtiva, das políticas neoliberais e do cenário de desindustrialização e privatização. Em consequência disso, um terço da força de trabalho humana disponível, em escala planetária, ou se encontra exercendo trabalhos parciais, precários, temporários ou já vivenciando a barbárie do desemprego.

Para finalizar este número, consideramos oportuna a resenha do filme “1,99 - Um supermercado que vende palavras”, de Marcelo

Masagão, feita por Sérgio Domingues. Ao trazer o desejo, a angústia e a compulsão pela compra, este filme coloca no centro das discussões, a temática do consumismo, da exclusão social e especialmente do reinado da mercadoria sobre a vida das pessoas, questões fundamentais para a reflexão sobre o capitalismo.

Dr. Maurício Roberto da Silva (UFSC)
Dra. Maria dos Anjos Lopes Viella (UNOCHAPECÓ)